



PUC  
RIO

MARIA LILIA CAMPELLO RODRIGUES PEREIRA

A RECIPROCIDADE  
NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR

MESTRE EM PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, dezembro de 1972.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

A RECIPROCIDADE  
NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR

por

Maria Lilia Campello Rodrigues Pereira

Tese submetida como requisito parcial  
para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

---

Assinatura do Orientador da Tese

Rio de Janeiro, Dezembro de 1972



31321

Be

TESE

PUC

150

P436

UC - 19493-6

RCC

## AGRADECIMENTOS

À professora Maria Helena Novaes o meu sincero agradecimento pelo estímulo, interesse e dedicação com que me orientou neste trabalho.

Ao Departamento de Psicologia, e particularmente aos professores Aroldo Rodrigues e Carlos Paes de Barros, agradeço o interesse com que me estimularam para a realização desta tese.

## SUMÁRIO

Este trabalho tem como objetivo o estudo da adaptação escolar, ressaltando nos movimentos adaptativos a existência de reciprocidade entre o aluno e o grupo. É um trabalho teórico que utiliza como ilustração o estudo de casos. No seu desenvolvimento foram considerados dois pontos centrais: o primeiro, relacionado à estrutura e dinâmica do grupo escolar, e o segundo à conceituação e dinâmica do processo de adaptação.

A idéia aqui apresentada é que a adaptação é um processo que implica em reações recíprocas entre o aluno e o grupo. Ao comportamento adaptativo de um elemento da escola se segue uma reação recíproca no grupo ou em seus membros. No grupo, o professor tem o papel de elemento de ligação entre os alunos e a equipe da escola. Encontra-se portanto num processo contínuo de adaptação, embora nas situações de ansiedade e de mudança o processo se torne mais intenso.

É importante, no estudo da adaptação escolar, considerar o fenômeno da reciprocidade que possibilita a compreensão do processo que se desenvolve na relação do aluno com o grupo escolar.

Este trabalho está dividido em três partes, que estudam:

- 1º - a escola enquanto instituição social e os grupos na escola.
- 2º - a evolução do conceito de adaptação e dinamismos psicológicos envolvidos.
- 3º - A reciprocidade nos processos adaptativos, em situações de ansiedade e mudança.

## SOMMAIRE

Ce travail a pour objet l'étude de l'adaptation scolaire, mettant en évidence dans les tendances l'adaptation, de la réciprocité entre l'élève et le groupe. C'est un travail théorique qui utilise comme illustration l'étude de cas donnés. Dans son extension ont été considérés deux points: le premier se rapporte à la structure et à la dynamique du groupe scolaire, et le second à la définition et dynamique du proces d'adaptation.

L'idée ici développée est que l'adaptation est un procédé qui implique une réaction réciproque entre l'élève et le groupe. A une conduite adaptative d'un élément de l'école survient une réaction réciproque dans le groupe ou dans ses membres. Le professeur tient le rôle d'élément de liaison entre les élèves et l'équipe de l'école. Il se trouve cependant dans un procédé continu d'adaptation, quoique dans les situations d'anxiété et de changement, le procédé devienne plus intense.

Il importe dans l'étude de l'adaptation scolaire de considérer le phénomène de la réciprocité qui rend possible la compréhension du procédé qui se développe dans le rapport de l'élève avec son groupe scolaire.

Ce travail est divisé en trois parties, qui étudient:

- 1º - L'école comme institution sociale et les groupes dans l'école;
- 2º - L'évolution du terme de l'adaptation et les dynamismes psychologiques;
- 3º - La réciprocité dans les procédés adaptatifs dans les cas d'anxiété et de changement.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho baseia-se numa experiência de atendimento sistemático a uma escola e em contatos com diversas instituições que se dedicam ao ensino. Pressupõe fundamentalmente uma elaboração pessoal, para a qual se tornou necessária a tentativa de sistematização de dados, a pesquisa bibliográfica e a referência a esquemas teóricos.

A observação e acompanhamento do funcionamento, estrutura, dinâmica, e mudanças na escola proporcionaram material de estudo que possibilitou integrar os conhecimentos teóricos adquiridos com a vivência e esta integração trouxe uma nova perspectiva para a compreensão da dinâmica do processo de adaptação na escola. Na sua base, está a verificação de que a escola é um organismo, uma totalidade, uma instituição social e que cada indivíduo, enquanto a ela ligado, é um membro desse grupo, uma parte dessa totalidade. Como consequência cada manifestação de um ou alguns membros deve ser compreendida com referência às manifestações do grupo como um todo.

A adaptação escolar, a par de todos os aspectos individuais que possa envolver, constitui um processo vivido na escola, e é, portanto, um processo da escola. Constitui uma das formas de manifestação de sua dinâmica, embora esteja sempre ligada ao aluno, suas condições de aprendizagem e socialização.

A observação detalhada da dinâmica escolar permitiu a constatação de um fenômeno, aqui chamado reciprocidade, que acompanha o processo de adaptação. Neste conceito está incluída a noção de que existem reações de adaptação mútua entre o indivíduo e seu meio, e que neste sentido o processo de adaptação escolar é um processo dinâmico entre o aluno e a escola.

Este trabalho, apesar de ser um estudo teórico do processo de adaptação escolar, conta com material ilustratio

vo. Tal material, contudo, não é resultado de investigação experimental e, sim, produto da observação direta e do estudo de casos, realizados na escola.

Na elaboração de seu plano, foi incluído, inicialmente, um capítulo sobre a escola enquanto instituição e sua dinâmica de grupo, que situa o contexto no qual se desenvolve o processo de adaptação escolar. Este processo constitui portanto o tema do segundo capítulo, incluindo o conceito de adaptação e seus dinamismos psicológicos. Como terceiro e último capítulo, o fenômeno da reciprocidade nas relações escolares é apresentado acompanhado de situações ilustrativas, e analisado no que diz respeito a ansiedades, conflitos e vivências de mudança.



## 1. A ESCOLA

### 1.1 - A ESCOLA - UMA INSTITUIÇÃO SOCIAL

A inclusão neste trabalho de considerações sobre a escola do ponto de vista psico-social encontra sua justificativa na premissa de que a escola é um todo dinâmico, que assume estrutura própria, distinta das estruturas dos indivíduos que a constituem. E ainda que os indivíduos influem e sofrem a influência do grupo escolar. O indivíduo enquanto aluno, apresenta e representa aspectos desse grupo, sendo pois "aluno na escola". Como consequência o estudo das dificuldades do aluno, isoladamente, é uma abstração, um aspecto destacado de seu conjunto. Para uma compreensão mais ampla do fenômeno da adaptação escolar é preciso entender antes de tudo o contexto, o ambiente em que se desenvolve, ou seja aplicar os conhecimentos psicológicos ao estudo da dinâmica escolar. Citando Olmo<sup>1</sup> "as mais modernas concepções insistem em abandonar a idéia arcaica de que o psicólogo de empresas enfrenta 'indivíduos' isolados, para substituir tal idéia pela de grupo social. O psicólogo vai resolver problemas microsociais - de uma comunidade restringida: a empresa - mas 'sociais' afinal". Portanto o primeiro item deste estudo aborda a escola como instituição.

Como definição de instituição social Jacques<sup>2</sup> apresenta: "são estruturas sociais com os mecanismos culturais governando suas relações interiores. As estruturas sociais são sistemas de funções, ou posições, que podem ser assumidos e ocupados por pessoas. Os mecanismos culturais são convenções, costumes, tabus, normas, leis, etc., usados para regular as relações entre os membros de uma sociedade". Distingue, portanto, estruturas sociais e mecanismos culturais como elementos básicos, conceituais das instituições, ou seja, o elemento estrutural e o dinâmico dando forma ao que se chama "instituição social". Embora ressalte basicamente o papel das instituições para a personalidade do

indivíduo -eno sentido de se constituírem como defesa contra ansiedades psicóticas - sua contribuição se estende no sentido de uma análise das instituições e sua dinâmica.

Os estudos publicados nesse sentido, referem-se basicamente a indústrias (Jacques)<sup>2</sup> ou a aspectos teóricos da psicologia das instituições (Bleger, Ulloa)<sup>3,4</sup>. A abordagem e metodologia ali apresentadas podem contudo ser transferidas para a escola, desde que haja informações e considerações a respeito de:

- finalidade e objetivos da instituição
- estrutura e dinâmica

Particularmente no caso da escola, pode se dizer que se caracteriza por se ocupar do homem aprendendo. E como o aprender está em função do crescer, pode-se considerar que o objetivo da escola é trazer conhecimentos e informações que possam ajudar o indivíduo a se desenvolver, a compreender e a se relacionar com o seu ambiente.

Entretanto, a análise detalhada dos objetivos da escola revela que existe uma distinção importante a ser feita. Na aprendizagem, a escola tem um objetivo claro e explícito. O mesmo não se dá necessariamente no que respeita ao crescimento do indivíduo. E, ainda, na medida em que existe como instituição social, há uma série de outros objetivos que podem também estar implícitos na sua estrutura (Jacques)<sup>2</sup> e que somente um estudo mais aprofundado poderia explicitar. "Toda instituição social tem uma estrutura formal, hierarquizada, um sistema definido por um conjunto de normas explícitas mas, além disso, existe paralelamente toda uma para-estrutura psicológica ou organização 'informal' definida pelas motivações, valores, crenças, ideologias, atitudes, aspirações e interações da equipe humana. Para o psicólogo interessa fundamentalmente o estudo e compreensão do funcionamento concreto de toda esta para-estrutura"<sup>1</sup>.

Quanto aos objetivos, portanto, pode-se dizer que, usando a terminologia da análise dos sonhos, existem aspec-

tos manifestos ou explícitos e aspectos latentes ou implícitos.

Para a compreensão do segundo item, estrutura e dinâmica de escola, pode-se considerar que:

A instituição que tenha um nível chamado "ótimo" na sua dinâmica, não é uma instituição sem conflitos. Na verdade o conflito é elemento normal e imprescindível para o desenvolvimento. O que determina tal nível numa instituição é essencialmente a possibilidade de explicitar os conflitos, manejá-los e resolvê-los dentro dos limites da instituição. O que equivale a dizer que depende de serem realmente assumidos pelo seus membros, no curso de suas tarefas ou funções.

Considerando a instituição como uma totalidade, como um corpo, Ulloa<sup>4</sup> mostra que existem pontos de contato entre os diversos movimentos ou elementos de uma instituição, e a esses contatos chamou "articulações". Em torno dessas articulações se desenvolve a dinâmica institucional, e a uma perturbação na articulação denominou "fratura."

Portanto não é a ausência de conflitos e sim a qualidade das 'articulações' que determina o nível de dinâmica da instituição e das relações instituição-indivíduo. Considerando, pois, como já foi visto, a escola enquanto instituição social podemos concluir que ela representa, mais do que um veículo de aprendizagem, um núcleo centralizador e desencadeador de relações humanas. Como tal, representa um papel fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, porque se constitui em elemento de segurança, identidade e inserção social. Por outro lado, na medida em que o indivíduo se identifica com a instituição esta passa a fazer parte, pela identificação, de sua personalidade.

A instituição desempenha, portanto, o seu papel em dois planos: o social, ligado às relações que dentro dela se desenvolvem, e o individual ligado a identificação do indivíduo com aquela, através de normas, valores, que são incorporados pelo indivíduo e passam a fazer parte de sua

personalidade como elementos de organização, regulação e equilíbrio.

Concluindo, torna-se importante mencionar dois elementos que, pela importância que têm no processo de relacionamento ou interação social, precisam ser explicitados : comunicação e participação.

Nesses dois elementos podem estar centrados alguns dos aspectos mais importantes da patologia institucional, porque trazem como conseqüência uma "paralisação" no seu desenvolvimento e progresso. Uma das formas de perturbação na comunicação e participação de uma instituição pode ser observada quando há estereotipia e homogeneização dos seus membros.

A finalidade desta alteração é facilitar, para os elementos de status superior, o controle da instituição. Segundo Bleger<sup>3</sup> as perturbações na comunicação e participação em qualquer nível dentro de uma instituição, mas sobretudo quando "vertical", isto é, dos status inferiores aos superiores, faz com que os níveis inferiores sejam sempre os elementos que atualizem os conflitos, por serem os mais dependentes da instituição, com menores possibilidades de expressão.

Na escola, essas perturbações podem determinar, primordialmente, o predomínio do desenvolvimento de hábitos em detrimento de uma aprendizagem. E considerando que os níveis inferiores dos membros de uma instituição são os que atuam, que expressam os conflitos, tais fatores podem influir consideravelmente no processo de adaptação escolar.

Fica assim mais fácil compreender porque são os alunos os elementos, numa escola, que manifestam os conflitos e expressam mais diretamente dificuldades que, em grande parte, são aspectos da dinâmica institucional.

## 1.2 - OS GRUPOS NA ESCOLA

Uma das características básicas da escola é a existência de dois núcleos em seu funcionamento: o primeiro, formado pela equipe do colégio (diretores, coordenadores e professores) e o segundo formado pelos alunos.

Esses dois núcleos, que possuem características próprias, funcionam em níveis diferentes. Constituem na verdade grupos de estrutura diversa.

O primeiro, organizado em torno de vínculos profissionais, constitui um grupo de tarefa ou de trabalho. Nesse sentido, os laços afetivos que têm seus membros não são muito intensos e há maior possibilidade de diferenciação e relacionamento entre os mesmos. Poderia, portanto, ser caracterizado como grupo secundário.

O segundo, envolvendo alunos, tem suas características básicas relacionadas ao fato de seus membros apresentarem uma permanência muito transitória no grupo, dos grupos se reorganizarem a cada ano, contando sempre com elementos diferentes, da escola constituir um dos primeiros grupos a que a criança pertence.

A mais significativa das características é a de que seus membros estabelecem laços afetivos intensos, possuem pequena capacidade de diferenciação, mantêm expectativas de comportamento definidas e existe um controle social direto. Na verdade, esse grupo é estruturado nos moldes de relacionamento da família. Nesse sentido é comum ouvir dias crianças que a escola é um prolongamento de suas casas. O comentário, de fato, é uma manifestação de um tipo de estrutura de grupo dentro da escola, que pelas suas características se assemelha ao grupo familiar, e que constitui portanto um grupo primário.

Na escola, os dois núcleos coexistem. Além disso, cada um tem seu representante na estrutura do outro, papel que é assumido pelo professor, que funciona como um e-

lemento de ligação entre os dois núcleos. Embora esteja situado na equipe do colégio, fazendo parte integrante da mesma, o professor tem uma posição especial porque tem um contato intenso com os alunos e, muitas vezes, representa os seus interesses, ansiedades, estabelecendo o vínculo da equipe do colégio com o aluno. Por outro lado, é ele quem traz para os alunos os pontos de vista, as decisões da equipe do colégio, sendo pois o seu representante diante dos alunos. Esta dupla identificação do professor, é um dos aspectos importantes a destacar na dinamica das relações na escola.

Os dois núcleos situam-se, em muitos aspectos, em posições complementares. É o caso dos binômios primário-secundário, dependente-independente. No caso da ansiedade em relação ao próprio crescimento, educadores e alunos estão identificados. Contudo há fenômenos que se manifestam apenas num dos núcleos enquanto que no outro permanece oculto, como que latente, sõ se revelando a uma observação detalhada. Este é o caso, por exemplo, das dificuldades denomina-das 'inadaptação escolar' dos alunos.

## 2. - A ADAPTAÇÃO ESCOLAR

### 2.1 - A EVOLUÇÃO DO CONCEITO

Adotado inicialmente pela Biologia, o conceito de adaptação se aplica primordialmente à mudança nos aspectos morfológicos e fisiológicos dos seres vivos para que estejam de acordo com o meio. Seu uso se difundiu muito, entre as ciências sociais e humanas, fazendo parte hoje do vocabulário cotidiano como referência para situações de sucesso ou fracasso na vida social do indivíduo. Adquiriu portanto um outro sentido, sendo a noção de meio físico acompanhada pela de meio social e cultural. Nessa perspectiva, fala-se de adaptação individual, mas também de adaptação social aplicando as mesmas noções a um grupo ou uma instituição.

O conceito de adaptação foi incorporado pela Psicologia Escolar para designar as condições do aluno no processo de aprendizagem, na sua relação com a escola, sendo usada para isso a expressão "adaptação escolar". Seu estudo é hoje um dos temas de interesse da Psicologia Escolar, cujos objetivos podem ser formulados, conforme observação de Novaes: "a Psicologia Escolar preocupa-se em ajudar a melhorar as relações dinâmicas do ambiente escolar e ocupa-se da descrição e do estudo dos fatos e fenômenos escolares, partindo do princípio de que a escola é uma fonte de relações".<sup>5</sup>

A preocupação pela adaptação escolar é consequência do interesse dos educadores em que a criança tenha as melhores condições de aprendizagem e relacionamento na escola, da contribuição que a Psicologia pode trazer à Educação e da verificação de que existem dificuldades específicas à vida escolar da criança, que podem torná-la "inadaptada".

A partir da observação das dificuldades de adaptação foi formulado o conceito de "inadaptação". Uma análise mais detalhada dessa expressão entretanto revela complexidade de fatores. A referência a rendimento, comportamento e

relacionamento, saúde física e mental, suscita uma série de indagações. A primeira delas, a respeito dos critérios a usar para sua avaliação. Esta única questão já seria o suficiente para justificar a verificação de validade da expressão. Existe, contudo, um outro ponto ainda mais importante, que merece exame a parte - o significado do conceito de adaptação.

"A adaptação é o processo pelo qual o organismo se modifica para responder de maneira harmônica às condições que o ambiente lhe apresenta".<sup>6</sup>

A consulta a diversas definições de adaptação, tanto na Sociologia como na Psicologia, revela alguns pontos comuns que merecem destaque. O primeiro deles diz respeito à própria formulação das definições, que não expressam em si as diferenças que existem entre as duas ciências, entre os pontos de vista psicológico e sociológico. Tal fato, contudo, pode ser decorrente da própria dificuldade em definir adaptação em termos operacionais, recaindo então na conceituação e, conseqüentemente, em formulações muito amplas, generalizadas. Dada a complexidade dos fatores que estão incluídos neste termo, as tentativas de definição muitas vezes são pouco precisas ou então pouco diferenciadas.

O segundo dos pontos a destacar é a referência, à adaptação como sendo um processo. Na condição de processo, a noção implica em movimento, dinâmica, na referência a uma condição futura.

Hartmann<sup>7</sup> distingue "estado de adaptabilidade", como uma condição que prevalece entre o indivíduo e o meio. e "processo de adaptação", que efetiva este estado. O estado de adaptabilidade pode se relacionar ao presente e ao futuro, mas o processo de adaptação traz implicitamente a referência a uma condição futura. Na sua concepção não é possível falar em estado de adaptação. Mas, como processo, a adaptação estaria assegurada tanto pelo "equipamento primário do homem e maturação de seus sistemas" como pelas suas ações (reguladas pelo ego) que neutralizam as perturbações



do meio e aperfeiçoam as relações entre a pessoa e o meio.

Essas relações não são contudo unilaterais. Sendo dinâmico, o processo de adaptação envolve a noção de reciprocidade entre o indivíduo e seu meio. Este é outro ponto a destacar. "A adaptação é primordialmente uma relação recíproca entre o organismo e seu meio".<sup>7</sup> Pode realizar-se por mudanças que o indivíduo efetua em seu meio, isto é, mudança ou adaptação aloplástica, ou por mudanças efetuadas em si mesmo, - mudança ou adaptação autoplástica.<sup>8</sup> O que significa que o homem se adapta à comunidade, mas ao mesmo tempo participa ativamente na sua criação, ou seja na criação das condições que depois assumem existência independente e às quais deve adaptar-se.

A esse respeito, Novaes<sup>5</sup> observa: "todo processo de adaptação é ativo e tem duplo aspecto: os efeitos da estimulação provocam modificações no organismo, essas modificações adaptam o organismo às condições predominantes que, em consequência, também modificam os estímulos, fato esse que explica porque os padrões de conduta da personalidade são construídos partindo das dependências funcionais entre as variáveis de situação e de resposta e estabelecem uma ponte entre os determinantes internos e externos". Essas observações, feitas a partir da teoria de Helson, mostram a adaptação como um processo circular, em que o passado e o presente representam um "conceito quantitativo operacional" que possibilita diversas adaptações dos organismos de acordo com as condições a ele relacionadas.

A adaptação escolar é, pois, um processo de adaptação que envolve, numa relação recíproca, o indivíduo e a escola. O termo indivíduo é aqui usado intencionalmente para acentuar que, embora a preocupação esteja centrada basicamente nos alunos, que são como já foi mencionado os elementos que usam mais a ação para se manifestar, todos os membros da escola estão envolvidos no processo de adaptação.

## 2.2 - DINAMISMOS PSICOLÓGICOS

A literatura especializada em problemas de adaptação escolar e particularmente a obra de Telma Rea<sup>9</sup> focaliza o tema sempre ligado a manifestações das crianças ou adolescentes. Tais manifestações constituem por si mesmas o núcleo do problema, que é abordado como sendo problema daquela criança em particular. Antes de prosseguir o estudo da dinâmica do grupo escolar, cabe aqui uma revisão dos principais aspectos da obra citada.

No sentido mencionado acima existem dificuldades específicas à vida escolar da criança, que podem comprometer sua adaptação. Tais dificuldades, entretanto, podem manifestar-se de formas diversas, em diferentes áreas, como por exemplo aprendizagem, socialização. É comum que uma criança apresente dificuldades simultaneamente em mais de uma área. Nesses casos, muitas vezes há o predomínio de uma manifestação, enquanto as outras ficam menos destacadas. Em outros, porém, há um prejuízo generalizado sem que haja predomínio em um aspecto particular. A forma que vai assumir essa manifestação varia de acordo com cada criança e cada situação particular. Existem, entretanto, alguns aspectos comuns às manifestações ou às dificuldades na adaptação, que podem ser abordados. Tais dificuldades situam-se em três grandes áreas, que correspondem aos aspectos no indivíduo que estão envolvidos na escola e que estão também ligados aos objetivos desta e ao seu sistema de valores:

- condições de saúde física e mental;
- aprendizagem ou rendimento escolar;
- comportamento e relações sociais.

Os que particularmente chamam a atenção na escola, são os dois últimos itens.

Em relação ao segundo item, aprendizagem ou rendimento escolar, deve-se ressaltar o fato de ser muito vulnerável a alterações nos dois outros. Pode ser comprometido

do ou favorecido, de acordo com a situação global do aluno.

Tomando como ponto de partida a obra de Reça pode-se ver que o estudo das dificuldades mencionadas tem, como referência, dois aspectos. O primeiro deles, o aspecto individual, engloba o aluno com as suas características: condições de desenvolvimento sensorial, perceptivo, motor, intelectual, afetivo, social e orgânico. Cada um desses fatores é importante para as possibilidades que a criança tem de amadurecer. Considerando que cada etapa do desenvolvimento depende da etapa anterior, e que cada aspecto do indivíduo está intimamente ligado aos demais, torna-se extremamente importante, no caso da Psicologia Escolar, conhecer profundamente as condições do aluno para compreender as suas manifestações. Como exemplo, um aluno em dificuldades de aprendizagem pode apresentar deficiências nas áreas motora e perceptiva, que o impediriam de captar as noções e relações de tempo e espaço. Mas poderia também estar com dificuldades na área afetiva, de tal forma que ficasse impedido de estabelecer vínculos de conhecimento porque está preso aos vínculos mais primitivos de relação afetiva - amor e ódio. Diante de qualquer estímulo predominariam, nessas circunstâncias, sentimentos de satisfação ou raiva, e o aluno ficaria impossibilitado de pensar, raciocinar, ou seja, aprender.

O segundo aspecto diz respeito aos fatores externos ou ambientais. Compreende o meio físico, social, cultural do aluno. Os elementos do ambiente são os aspectos geográficos, a família, o grupo social a que pertence, a escola, elementos que, na medida em que existem na realidade externa ao indivíduo, influem e sofrem influência do mesmo. A família que, durante um longo período da vida da criança, é sua única fonte de experiências, mantêm-se como referência, como padrão de relacionamento e as dificuldades que surgem no contexto familiar afetam diretamente a criança. ( Como dizia Bleger<sup>3</sup> são os elementos dependentes e com menores possibilidades de expressão, no caso as crianças, que manifestam, através de comportamentos, os conflitos).

A escola é outro elemento do ambiente capaz de

contribuir ou dificultar a adaptação da criança, porque seus recursos, normas ou métodos podem não estar de acordo com o nível de desenvolvimento da criança ou porque as relações dentro da escola, a interação social nos aspectos já mencionados podem sofrer alterações que dificultem a aprendizagem ou a socialização do aluno. A entrada para a escola em si é um fato que tem extrema importância na vida da criança, porque envolve tanto suas características individuais como as do ambiente, surgindo daí a forma como percebe e reage ao ambiente. Na medida em que a escola é um grupo social de estrutura diferente do grupo familiar, a criança é solicitada a dar mais um passo no sentido de sua socialização. As modificações que vão surgir em seu comportamento são, portanto, fruto de sua interação com o ambiente 'escola' e não apenas, manifestações de sua personalidade. Quando se trata do tema 'adaptação escolar' esta posição torna-se importante porque a atitude considerada 'anadaptada' não deve ser atribuída a dificuldades pessoais da criança e sim compreendida como a manifestação (através da atitude da criança) de uma dificuldade de interação no grupo 'escola'.

### 3 - A RECIPROCIDADE NAS RELAÇÕES ESCOLARES

#### 3.1 - RECIPROCIDADE NOS COMPORTAMENTOS ADAPTATIVOS

O termo adaptação é usado com frequência em referência a situação do aluno, que é destacado do grupo por apresentar dificuldades na escola. Por não corresponder às expectativas do grupo, o aluno é objeto de cuidados e atenções especiais. A dificuldade de adaptação é localizada, no aluno, estudada e combatida nas suas "causas". Uma vez que deixe de se manifestar, em geral é considerada como resolvida.

Esse procedimento entretanto é decorrência do fato de que o aluno foi destacado, ou seja, realça apenas uma parte do problema, pois o aluno é um membro do grupo. Na verdade, o aluno manifesta a sua dificuldade na escola porque encontra na escola condições para isso. Ou ainda porque sua manifestação não é um dado isolado no contexto escolar, mas representa um aspecto do grupo, embora por condições específicas se torne o "representante" desse grupo.

Citando novamente Hartmann<sup>7</sup> "a adaptação é primordialmente uma relação recíproca entre o organismo e seu meio". Envolve pois essencialmente a noção de troca, de ação de cada elemento sobre o outro.

Antes de prosseguir na análise do tema, torna-se importante fazer uma revisão do significado do termo reciprocidade.

A pesquisa etimológica revela no latim a palavra "reciprocus". Seu significado original era "que vai e vem, alternativo"<sup>10</sup>. Derivados da mesma raiz existem os termos recíproco e reciprocidade. Este último pode ser assim definido: "duas coisas agindo uma sobre a outra."<sup>11</sup>

A razão da escolha deste termo decorre portanto de sua própria origem e definição, suficientemente preci-

sas para o fenômeno que o trabalho delimita. Mas há ainda outra razão para o seu uso - a de constar, como termo definidor ou como elemento integrante nos estudos sobre processo de adaptação. De acordo com Hartmann<sup>7</sup> existe primordialmente na adaptação uma "relação recíproca" entre o indivíduo e o grupo.

Neste trabalho, o estudo do processo de adaptação está vinculado à escola e sua dinâmica. O indivíduo é situado enquanto aluno e o grupo com o qual se relaciona é o grupo escolar, que inclui, em diferentes níveis de relacionamento, alunos e corpo docente, aqui entendido no sentido amplo incluindo os elementos da direção. Em todas as relações que se desenvolvem no âmbito escolar está presente o fenômeno da reciprocidade. Este torna-se particularmente importante no estudo da adaptação dos alunos à escola.

### 3.2 - ANSIEDADES E CONFLITOS

A tarefa do educador é "altamente ansiôgena". A expressão foi usada por Bleger, ao estudar as condições de trabalho em hospitais<sup>3</sup> e seu uso parece particularmente a dequado em relação ao educador. No seu trabalho cotidiano, lida com conflitos, as regressões, aspectos que estão envolvidos no processo de desenvolvimento do indivíduo. Consequentemente são mobilizadas ansiedades, defesas, conflitos, cuja compreensão torna-se primordial na avaliação da dinâmica escolar.

O professor lida diretamente com o crescimento dos alunos e suas dificuldades. Lida com diferentes níveis de maturidade, ainda que seus alunos estejam todos na mesma faixa etária, e com os conflitos e as ansiedades que cada mudança cada nova aquisição desperta nos alunos, muitas vezes tornando-os inseguros. O professor participa com os alunos de um grupo em que as relações são sempre muito intensas baseadas em identificações, ou projeções, pois es tá moldado no grupo familiar. As crianças, dadas as suas possibilidades de relacionamento, procuram repetir na esco la os padrões de seu grupo familiar. O que equivale a dizer que procuram o relacionamento em nível de grupo primá rio.

A criança, na relação com o professor apresenta subjacente a imagem dos pais, primeiras figuras de autoridade. As tentativas de relacionamento iniciais são feitas com base nas imagens internalizadas dos pais. A criança projeta essas imagens no professor e estabelece seu rela cionamento na medida em que identifica essas imagens proje tadas<sup>12</sup>. A indiferenciação é portanto um dos elementos primários da relação da criança com o professor e a escola.

Como exemplo desta situação, S., aluna da tercei ra série, oito anos, mostrava-se absolutamente desinteressada pelos estudos e por qualquer atividade na escola, e ao mesmo tempo dizia à coordenadora da escola que não se in-

teressava por causa da professora, que não gostava dela nem se importava em verificar se ela já aprendera. S. apresentava um problema de adaptação à escola. Por outro lado, a turma em que S. se encontrava apresentava, na ocasião, baixo rendimento. A professora dedicava-se muito mas a turma aprendia muito lentamente. O estudo do caso revelou que os pais de S. agiam em relação aos seus estudos exatamente assim - não se importavam em saber se ela aprendera ou fizera seus deveres. S. projetava então na professora as imagens internalizadas de seus pais e agia em função disso.

O "problema de adaptação de S. apresentava, pois, vários aspectos, que envolviam a aluna, a turma e a professora. Tornava-se portanto necessário separá-los e trabalhar cada aspecto isoladamente. Como consequência, a professora pôde compreender mais claramente o que se passava com S. e mostrar à aluna que a imagem que apresentara à coordenadora não correspondia a suas atitudes. S. pôde então melhorar e manifestar interesse pelas atividades escolares.

Esse trabalho de discriminação realizado pela professora, de diferenciação entre o que a criança fantasia e a realidade, sobretudo no aspecto da projeção acima mencionado, é um dos pontos centrais em que os educadores são solicitados pelas crianças. Em outro nível, é o equivalente dos limites de comportamento, direitos e deveres que elas solicitam e exigem continuamente dos professores e dos adultos em geral.

Ao mesmo tempo, porém, o educador é mobilizado nos seus aspectos mais imaturos, nas áreas de sua personalidade que não estabelecem a diferenciação, que são dependentes nas suas relações porque estas estão estabelecidas com base nos seus padrões infantis, nas imagens internalizadas de seus próprios pais. Na sua posição adulta estão identificados com os aspectos de personalidade que introjetaram de seus pais, e muitas vezes agem de acordo com essa imagem<sup>12,13</sup>. Suas possibilidades de estabelecer critérios de avaliação e discriminação da realidade podem ficar por isso afetadas.



Nessas condições portanto o professor e o aluno se identificam. A forma que seus conflitos assumem, o tipo de ansiedade que se desenvolve, está em parte relacionada às características de cada personalidade, porém em parte também é decorrente dos aspectos de dependência, autoridade, responsabilidade, que são frequentemente mobilizados pela situação escolar. Podem surgir as mesmas atitudes de dependência, os mesmos mecanismos de defesa, os mesmos padrões de reação.

Para exemplificar essa situação de dependência, foi escolhido um caso ocorrido com uma professora de segunda série. Nesta turma se desenvolviam situações de disciplina além do que a professora poderia manejar e que eram sistematicamente comunicadas por ela à coordenação do colégio. Após os primeiros dias de aula esta turma apresentava sérios problemas de adaptação e a situação na sala começou a ficar incontrolável, segundo suas palavras. Os alunos pediam sua atenção constantemente mas ao mesmo tempo comentavam que ela era da mesma altura que eles, que ela era muito moça para ser professora. Ao mesmo tempo ela assumia isso como sendo a sua condição real e preocupava-se muito achando que os alunos não a respeitavam. Solicitava constantemente a coordenadora, pedindo que esta fosse a sua sala. Muitas vezes sem motivo aparente, outras por questões irrelevantes.

Esta professora, que tinha dificuldades em assumir seu papel adulto, e que mantinha uma relação de dependência com as pessoas que lhe eram superiores a ponto de se ver impossibilitada de enfrentar pessoalmente qualquer modificação na rotina, estava fortemente identificada com a situação das crianças, agindo ela mesma como se fosse uma das crianças, o que era expresso por estas quando diziam que a professora era do mesmo tamanho que elas.

Quando esta professora, ajudada pela coordenadora, resolveu pelo menos em parte suas dificuldades e passou a solicitar menos a sua presença, os alunos também diminui-

ram a intensidade de suas críticas e de suas solicitações , passando a haver maiores possibilidades de relacionamento direto dentro da sala de aula.

Os dois exemplos citados foram selecionados por se tratar de dois tipos diferentes de problemas de adaptação: de uma aluna e de uma turma. Em ambos, porém, fica muito clara a ligação entre o problema do aluno e o problema do grupo.

Naturalmente as condições pessoais do professor vão determinar as suas possibilidades de lidar com os conflitos que surgem e de usá-los como forças para seu próprio aperfeiçoamento. Mas não é a verificação das possibilidades pessoais do professor aquilo que adquire importância primordial e sim a constatação de que, independentemente de suas condições pessoais, o educador como consequência de seu trabalho cotidiano lida diretamente com os conflitos que o crescimento mobiliza em si mesmo e na criança. Da mesma forma que as crianças ficam ansiosas, inseguras, o educador também pode ficar, e não apenas por dificuldades pessoais mas porque sua personalidade está envolvida na tarefa de ensinar e no relacionamento com os alunos.<sup>13</sup>

### 3.3 - AS MUDANÇAS

Embora as ansiedades e conflitos estejam presentes no dia-a-dia da vida escolar, nas situações de mudança na estrutura escolar se tornam mais intensos, fica muito evidente a dinâmica escolar e as tentativas de adaptação realizadas nos seus diferentes níveis.

O exemplo que se segue visa ilustrar esses pontos. Dada sua complexidade e importância para a escola em questão, houve um estudo sistemático e aprofundado da evolução do caso durante todo um ano letivo. Os dados serão apresentados, na medida do possível, em ordem cronológica.

No início das aulas, a turma da 6a. série do curso fundamental apresentava sérios problemas de comportamento. Sobretudo alguns alunos eram extremamente agitados, agressivos e algumas vezes irreverentes, conforme informavam as professoras. Corriam pelos corredores, pelas escadas, derrubando crianças menores que encontravam pela frente. Os professores se preocupavam muito com estas manifestações dos alunos, que eram considerados "inadaptados" mas ao mesmo tempo comentava-se no colégio que isso já era esperado por ser esta a primeira turma de 6º ano no colégio, até então, atendia aos alunos até a 5a. série. A diretoria, que sempre recebera receber adolescentes no colégio, após algumas modificações na sua estrutura, resolveu estender a faixa de idade dos alunos até completar o antigo curso ginasial. Houve ainda uma reforma geral no planejamento dos cursos a fim de atualizar seu sistema pedagógico.

Foi nesse clima de mudanças estruturais no colégio que esta turma começou a demonstrar muita agitação. Na maior parte das vezes quando eram chamados particularmente, os alunos reagiam bem, estabelecendo um bom nível de diálogo. Em grupo porém a situação se modificara muito pouco.

Os professores começaram a se reunir com frequência e a estabelecer contatos mais diretos com os alunos. A

diretora também começou a lidar mais diretamente com os alunos, cujas idades variavam em torno dos 12 anos.

Embora a situação não se tivesse modificado significativamente, as queixas dos professores após os dois primeiros meses de aula, começaram a diminuir. As preocupações nesse momento estavam dirigidas à avaliação dos resultados das reformas efetuadas no sistema pedagógico e também à atividade artística que vinha sendo desenvolvida e na qual estavam se destacando justamente os alunos considerados mais difíceis. Só a partir desse momento, começou a haver alguma modificação nas atitudes dos alunos. Já não estavam tão agitados, mas não haviam se modificado tanto. Os professores entretanto referiam-se a eles com grande admiração pelas atividades que vinham desenvolvendo.

Nesse momento, os mesmos alunos que antes eram mencionados em todos os encontros da equipe como estando inadaptados, eram citados com admiração e considerados razoavelmente ajustados.

Em virtude de sua complexidade, esse exemplo possibilitou a compreensão de vários elementos que faziam parte da dinâmica escolar. Dentro dos limites deste trabalho, importa destacar apenas os diferentes níveis em que a mudança estrutural exigiu uma aceleração no processo de adaptação e a reciprocidade nesses processos.

Como primeiro elemento, embora o seu aprofundamento escape aos objetivos deste trabalho, é importante considerar a expectativa negativa que havia, quando da criação do 6º ano, em relação ao comportamento dos alunos. O adolescente ainda era visto com certo receio, pelas situações inesperadas que poderiam surgir. Em certa medida portanto, o comportamento dos alunos veio confirmar as suspeitas da direção, e tinha seu significado na dinâmica do colégio, como aspecto complementar das ansiedades e da necessidade de manter a disciplina e o respeito a autoridade. Este ponto porém escapa às possibilidades de análise neste trabalho.

O elemento que se torna importante destacar aqui,

é a existência de reações dos alunos que tinham seus correspondentes em reações dos professores e da direção do colégio. Na verdade, os alunos diante das mudanças que havia no colégio, ficaram extremamente ansiosos, sobretudo sentindo as responsabilidades, decorrentes de expectativa do colégio, por ser a turma pioneira. Se a ansiedade dos alunos se manifestou através de agitação, a ansiedade da equipe do colégio se manifestou inicialmente pela posição o posta, e complementar, de grande necessidade de manter o controle sobre os alunos.

Na medida porém que a ansiedade diminuiu houve uma série de tentativas de adaptação. Dos professores, que procuraram um contato mais direto e aumentaram o seu limiar de tolerância em relação aos alunos. Dos alunos, que começaram a desenvolver uma atividade que implicava em maior contato com os professores e a diretoria do colégio.

Do conflito inicial então a situação evoluiu para uma identificação entre direção - professores e alunos, identificação esta que se manifestava basicamente através do interesse e entusiasmo pelas possibilidades de desenvolver um trabalho conjunto em que todos se sentiam valorizados (atividade artística).

Nesse ponto, em que, em decorrência da identificação, os alunos passaram a ser admirados e considerados "ajustados", a situação evoluiu para um novo tipo de conflito. Em uma avaliação com os alunos, dos progressos obtidos no ano, surgiu com muita intensidade uma queixa dos alunos em relação ao sistema de controle do colégio. De início muito vago, depois com mais precisão, o problema foi formulado pelos alunos da seguinte forma: o colégio precisava ter inspetores, como os outros colégios que eram conhecidos, e precisava deixar de ser "colégio de criancinha", embora não soubessem explicar o que queriam dizer com esta expressão, dizendo apenas que as crianças menores chamavam as professoras de "tia" e que não havia alunos mais velhos que eles.

Desta forma, entrou em evidência um novo movimento, da parte dos alunos que desejavam uma adaptação mais satisfatória com a equipe do colégio. De certa forma, queixavam-se da identificação, e quando diziam que não havia alunos mais velhos, referiam-se também à mudança de atitude da equipe que, de elemento de controle ativo, passou a uma identificação com os alunos. Em certo sentido, houve o predomínio dos aspectos do grupo primário sobre os do grupo secundário, o que fazia com que os alunos se sentissem em nível de igualdade com os adultos, ou seja, sem a referência nem capacidade de discriminação que os adultos possibilitariam.

Esta situação por sua vez trouxe grande ansiedade à equipe e sobretudo à direção do colégio, que sentiu a necessidade de se reunir e fazer uma avaliação do ano, à se melhança do que fora feito com os alunos.

Esse processo de adaptação, que se desenvolveu durante todo um ano, colocou em destaque o fenômeno da reciprocidade, tanto nas ansiedades quanto nas tentativas de ajustamento efetuados nos dois núcleos de funcionamento do colégio.

O exemplo realçou como um comportamento adaptativo determinou uma modificação no ambiente, e foi seguido por outros comportamentos, num processo contínuo de adaptação mútua. De modo geral é o que ocorre na escola, independentemente das diferenças entre os casos particulares.

Apesar da existência, na escola, de situações que envolvem variáveis diversas - e essas variáveis podem ser o nível de idade dos alunos, o seu tempo de permanência na escola, por exemplo - o processo de adaptação escolar é sempre um processo recíproco que envolve o aluno e o grupo.

Na entrada para a escola, para um ambiente desconhecido, a criança manifesta com muita intensidade as dificuldades e conflitos, e a necessidade de uma adaptação recíproca é facilmente admitida pelas pessoas que nela estão envolvidas. É a situação de escola jardim ou maternal.

Nas situações de mudança na escola, como no exem

plo citado, os padrões de comportamento se alteram e evidenciam-se os movimentos de adaptação recíproca presentes igualmente nas pequenas mudanças, nas situações cotidianas, nas dificuldades surgidas na sala de aula, onde os mesmos processos se repetem, embora de forma menos evidente, menos acentuada.

## CONCLUSÕES

Ao abordar o tema "Adaptação Escolar" é preciso antes de tudo considerar que o aluno é "aluno" na relação com a escola. Citando Bleger: "Há uma permanente e estreita relação entre indivíduo e sociedade; e só se pode compreender um pelo outro; como seres humanos dependemos muito da natureza, de nossos semelhantes e da organização social para satisfazer necessidades".

Baseando-se nessas considerações este trabalho procurou destacar a relação existente entre a conduta dos alunos e a dinâmica do grupo na escola. Esta relação, de caráter recíproco, está presente em todo processo de adaptação. Na escola, porém, ganha dimensões muito amplas. O educador, por lidar com crianças e adolescentes, e por ter como objetivo ensiná-los e ajudá-los a se desenvolver, encontra-se ele próprio em contato permanente com as ansiedades e conflitos que o crescimento mobiliza. Neste sentido encontra-se em constante crescimento e mudança assim como os alunos. O processo educativo se desenvolve na relação aluno-educador. Sua qualidade depende muito da capacidade do adulto de questionar suas próprias motivações e se conhecer intimamente, da capacidade de se diferenciar da criança o suficiente para possibilitar a liberdade e o diálogo. Em outras palavras, a qualidade está vinculada ao grau de maturação afetiva do educador e num sentido mais amplo à estrutura e dinâmica institucional.

A partir destas considerações a conclusão a que este trabalho conduziu foi precisamente a necessidade de reformulações no método de abordagem psicológica dos problemas escolares. O objetivo do trabalho não é mais o estudo de casos individuais (como, por exemplo, os chamados "Problemas de Adaptação") e sim o estudo da estrutura e dinâmica da escola. Isto não significa que as manifestações de dificuldades dos alunos não devam ser levadas em consideração. Precisamente elas devem estar sendo sempre acompanhadas porque uma conduta é sempre a manifestação de um



ser humano em um contexto sócio-cultural. Logo, é o estudo das condutas dos alunos e suas dificuldades que torna evidente os vários aspectos da dinâmica escolar. Partindo do estudo de caso individual, da verificação da incidência de determinados problemas, chega-se à própria escola, que se torna o objeto do estudo.

O trabalho do psicólogo se torna portanto muito mais amplo e profundo, numa dimensão diferente a do simples estudo e ajuda na solução dos problemas dos alunos. Talvez se possa mesmo questionar a validade de manter esta terminologia "Adaptação Escolar", buscando em estudos futuros, dentro desta nova visão do problema, a denominação que lhe seria mais correta.

Porém ainda nos limites deste trabalho, foi visto como a partir de situações consideradas "problemas" de alunos havia um comprometimento de professores e da própria organização da escola. Foi possível localizar uma série de pontos como identificações, projeções, diminuição das funções de ego, distúrbios de comunicação, ambiguidade das posições, em torno dos quais girava o que se poderia chamar a "patologia" da escola. No entanto, ficou ainda uma questão a esclarecer: o limite entre o que há de comum às instituições que se dedicam ao ensino, e o que é específico a uma escola como a que foi aqui apresentada.

Quanto ao primeiro aspecto, foi o elemento destacado em todo o decorrer do trabalho, e poderia ser resumido da seguinte forma: os movimentos adaptativos que se processam na escola são recíprocos e intensos porque os alunos e educadores vivem uma relação em que os mecanismos de identificação, projeção e identificação projetiva predominam. Já o segundo aspecto, o que é específico a uma escola, parece bem mais complexo, sobretudo em face da multiplicidade de fatores em questão e do próprio processo de desenvolvimento e atualização em que se acha a instituição. Neste sentido cada escola torna-se um "caso particular" que precisa ser examinado.

## BIBLIOGRAFIA

### I - REFERÊNCIAS

1. OLMO, F. Problemas del Psicologo en la Empresa Moderna, Arq. Bras. Psic. Apl., 24 (3): 59-63 (1972).
2. JACQUES, E. Os Sistemas Sociais como Defesa contra a Ansiedade Persecutória e Depressiva, em Temas de Psicologia Aplicada Zahar Editores (1969), p. 209.
3. BLEGER, J. Psicohigiene y Psicologia Institucional, Ed. Paidós, Buenos Aires (1966).
4. ULLOA, F. Psicologia de las Instituciones, Rev. de Psicoan., XXVI, (1969).
5. NOVAES, M.H. Psicologia Escolar, Ed. Vozes, Petrópolis (1972), p. 146.
6. POROT, A. Diccionario de Psiquiatria, Ed. Labor, p. 11.
7. HARTMANN, H. Psicologia do Ego e o Problema de Adaptação, Biblioteca Universal Popular (1968) p. 23, 24.
8. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulaire de la Psychoanalyse, Presses Universitaires de France (1968) p. 45.
9. RECA, T. La Inadaptación Escolar, El Ateneo, Buenos Aires (1964).
10. STAGGER, H. Dictionnaire Synoptique d'Étymologie Française, Libr. Larousse
11. Nouveau Petit Larousse Illustré.
12. MAUCO, G. Psicanálise e Educação, Ed. Moraes, Lisboa, (1968)
13. NOVAES, M. H. R. Bras. Est. Pedag., v. 56 n. 124, (1971) p. 299-305.

## II - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. BAULEO, A.J. Ideologia Grupo y Familia, Ed. Kargieman, Buenos Aires (1970).
2. BION, W.R. Experiências com Grupos, Imago Editora, Rio de Janeiro (1970).
3. BLEGER, J. Psicologia de la Conducta, Centro Editor de la America Latina, Buenos Aires (1972).
4. \_\_\_\_\_. Temas de Psicologia - Entrevista y Grupos, Ed. Nueva visión, Buenos Aires (1971).
5. FREUD, A. Infância Normal e Patológica, Zahar Ed., Rio de Janeiro (1971).
6. LEWIN, L. Problemas de Dinâmica de Grupo, Ed. Cultrix, São Paulo (1970).
7. LINDGREN, H.C. A Saúde Mental na Educação, Ed. Científica, Rio de Janeiro (1965).
8. LINS, T. Acompanhamento Psicológico à Professora, Ed. Vozes, Petropolis (1972)
9. MANNONI, M. A Criança, sua "Doença" e os Outros, Zahar Editores, Rio de Janeiro (1971).
10. SPERLING, M. Fobias Escolares: Classificação, Dinâmica y Tratamiento, R.A.P.P.IA., Buenos Aires, añõ 2, nº 1 (1971).
11. WINNICOTT, D.W. A Criança e o seu Mundo, Zahar Editores, Rio de Janeiro (1971).
12. \_\_\_\_\_. La Familia y el Desarrollo del Individuo, Ed. Hormé, Buenos Aires (1967).

Tese apresentada aos Srs.:

---

Profa. Maria Helena Novaes Mira

---

Prof. Aroldo Rodrigues

---

Prof. Carlos Paes de Barros

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro 24 / 1 / 10 / 1973

*Masement LH*

---

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas